

“Notas sobre a arquitetura rural paulista do segundo século” e a capela do sítio Santo Antônio. Imprecisões.

Fausto Barreira Sombra Jr.

Arquiteto, formado pela Universidade Belas Artes de São Paulo (2002), mestrando na Universidade Presbiteriana Mackenzie com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, Rua da Consolação 930, Consolação, CEP 01302-907, São Paulo, SP, (11) 999807759, sombra_arquitetura@hotmail.com

Resumo

A partir de 1944, o ainda estudante Luís Saia, ocupando o cargo oficialmente de Assistente Técnico da 6ª Região do Sphan, inicia uma fase profissional de intensa produção prática e teórica relacionada a um grupo de casas rurais então conhecidas como “casas grandes dos arredores de São Paulo”. Neste processo, destaque para o início das intervenções na capela do sítio Santo Antônio no município de São Roque – São Paulo, e a elaboração do artigo “Notas sobre a arquitetura rural paulista do segundo século”, trabalhos que, através de uma análise específica, nos apontarão sutis imprecisões.

Palavras-chave: Luís Saia, sítio Santo Antônio, imprecisões.

Introdução

Os trabalhos de pesquisa e difusão realizados na última década a respeito da emblemática figura do arquiteto Luís Saia – “personagem ainda tão escassamente (re)conhecido”¹, conforme nos recordariam os professores Carlos Roberto Monteiro de Andrade e Francisco Sales Trajano Filho na exposição itinerante *Luís Saia: memória e política* – passam a preencher vagarosamente as lacunas relacionadas às descobertas e proposições acumuladas nas mais de três décadas da densa produção, prática e teórica, do arquiteto são-carlense no âmbito do patrimônio arquitetônico paulista e nacional, entre meados da década de 1930 até 1975, ano de seu falecimento.

O artigo que se segue busca contribuir pontualmente com este rico e ainda jovem universo, sendo o material aqui apresentado parte dos processos de pesquisas e diálogos empreendidos com outros tantos pesquisadores que se dedicam ao estudo deste intelectual nas suas mais diferentes abordagens, e neste caso, relacionado inicialmente a um período

de intensa e produtiva fase profissional do ainda estudante Luís Saia, que naquele período ocupava oficialmente o cargo de Assistente Técnico da 6ª Região do Sphan.

Deste cenário, partimos de 1944, ano considerado o de início das efetivas ações de Luís Saia na “restauração, consolidação e preservação”² do paradigmático conjunto arquitetônico conhecido como sítio Santo Antônio³, trabalho este elaborado em paralelo com os últimos estudos relacionados ao grupo de casas rurais então conhecidas como “casas grandes dos arredores de São Paulo”. Partes destas ações teriam como consequência a posterior publicação do importante artigo de Luís Saia, “Notas sobre a arquitetura rural paulista do segundo século”, em volume sem data, que muitos atribuem ao período definido entre 1944 e 1945, datação por nós questionada. Imerso nesta imprecisão temporal, outros fatos relacionados ao longo do tempo, se mostrarão igualmente imprecisos, mas igualmente representativos.

No início das efetivas ações de salvaguarda⁴ empreendidas sobre o monumento conhecido como

¹ Trecho extraído do texto curatorial referente à exposição *Luís Saia: memória e política*, realizada no Centro Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, 19 fevereiro a 16 março de 2013.

² Termo extraído da capa do caderno de obras do sítio Santo Antônio. Arquivo Fotográfico, Iphan 9ª SR/SP.

³ Conjunto arquitetônico do segundo século, conformado pela casa-grande de Fernão Paes de Barros e a capela que lhe é anexa, e tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional desde 22 de janeiro de 1941.

⁴ Assim como nos descreveria o historiador Jaelson Bitran Trindade em pôster acerca do sítio Santo Antônio na exposição *Luís Saia: memória e política*. São Paulo, Univ. Presbiteriana Mackenzie, 2013.

⁵ Esta síntese do panorama encontrado nos arredores de São Paulo no século 17 é questionada pela historiadora Aracy Amaral em seu livro *A Hispanidade em São Paulo: da casa rural a capela de Santo Antônio*. São Paulo, Nobel/Edusp, 1981.

⁶ ANDRADE, Mário. Mário de Andrade: cartas de trabalho. Correspondências com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936-1945). Brasília, Sphan/Fundação Pró-Memória, 1981, p.45.

⁷ SAIA, Luís. *Morada Paulista*. Ed. 3ª. São Paulo, Perspectiva, 2005, p. 61.

Figura 1: Capa da *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 8 e Foto do alpendre reconstituído da capela do sítio Santo Antônio encontrada na página 235. Fonte: *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 8.

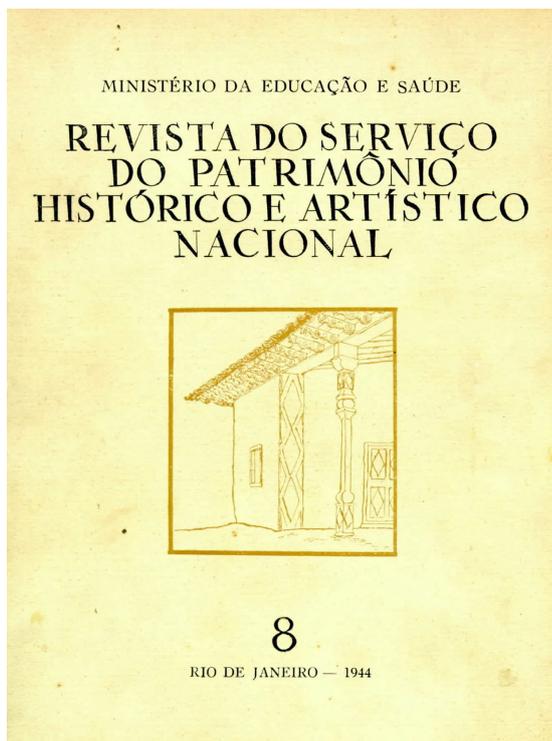
sítio Santo Antônio, na primeira metade da década de 1940, o arquiteto Luís Saia, então Assistente Técnico da 6ª Região do órgão federal Sphan, elabora o artigo “Notas sobre a arquitetura rural paulista do segundo século”.

Publicado originalmente na *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* n. 8, parte das informações e teorias nele apresentadas se apoiaria nas análises e estudos elaborados sobre o referido conjunto arquitetônico do século 17, conformado pela casa-grande e a sua capela erguida em devoção ao Santo Antônio. Como já seria largamente difundido, ambos os edifícios foram construídos, em grande parte, com a técnica da taipa de pilão e a mando do sertanista capitão Fernão Paes de Barros, por volta de 1640 e 1681 respectivamente, em período no qual o planalto piratiningano desfrutava de certa liberdade socioeconômica, resultante das dificuldades provenientes do seu relativo isolamento frente ao litoral paulista, proposição que posteriormente seria questionada por outros pesquisadores⁵.

O ano preciso de publicação deste artigo e da própria revista de número 8 do *Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, que desde 1937 buscava divulgar a evolução dos trabalhos empreendidos nos diversos Estados da União – conforme já previsto no texto de Mário de Andrade referente ao anteprojeto elaborado para o Span⁶ –, parece carecer de certo cuidado, pois, ainda que a capa da referida revista illustre 1944 como suposto ano de publicação deste número, uma nota do próprio arquiteto Luís Saia presente no seu livro *Morada Paulista*, de 1972, nos esclarece 1945 como sendo o seu ano correto, ou seja, em período posterior ao definido oficialmente⁷.

Intrigados com tal discordância temporal, consideramos conveniente despendar algum tempo de pesquisa e algumas poucas linhas no texto que se segue, no sentido de encontrarmos algum entendimento para este tema.

Neste contexto, primeiramente nos propusemos a levantar a bibliografia do arquiteto Luís Saia



relacionada em trabalhos de alguns pesquisadores que trataram do tema em questão. Assim, de forma cronológica, averiguamos a relação bibliográfica do trabalho realizado pelo pesquisador Julio Roberto Katinsky em seu livro *Casas bandeiristas: nascimento e reconhecimento da arte em São Paulo*, publicado em 1976, e fruto de sua tese defendida em 1972; a relação bibliográfica da pesquisadora Cristiane Souza Gonçalves em seu livro *Restauração arquitetônica. A experiência do Sphan em São Paulo: 1937-1975*, publicado em 2007, mas fruto de sua dissertação de mestrado apresentada em 2004; a relação bibliográfica da tese da pesquisadora Lia Mayumi, *Taipa, canela-preta e concreto: um estudo sobre a restauração de casas bandeiristas em São Paulo*, defendida em 2005 e publicada posteriormente em livro em 2008; a relação bibliográfica da dissertação da pesquisadora Mariana de Souza Rolim, *Luís Saia e a ideia de patrimônio – 1932-1975*, apresentada em 2006; além da biografia profissional de Luís Saia exposta em pôster na já citada exposição *Luís Saia: memória e política*, realizada no Centro Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie em 2013 – São Paulo.

⁸ Ao contrário do citado pôster, a recente publicação do catálogo de divulgação da exposição, determina 1945 como ano do artigo de Luís Saia. ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de (org.). *Luís Saia: memória e política*. Brasília – DF, Iphan, 2014.

⁹ Ao contrário de sua tese, a bibliografia presente no livro de Lia Mayumi, *Taipa, canela-preta e concreto: estudo sobre o restauro de casas bandeiristas*, Coleção Olhar Arquitetônico. São Paulo, Romano Guerra, 2008, determina 1944 como ano do artigo de Luís Saia.

¹⁰ SAIA, Luís. *Morada Paulista*. (op. cit.), p. 8.

¹¹ Neste trabalho o autor define 1944 como sendo o ano de publicação do referido artigo de Luís Saia. SODRÉ, João Clarck A. “A casa bandeirista de Luís Saia no IV Centenário de São Paulo: restauração e preservação da identidade paulista”. *Anais 5º Seminário Docomomo Brasil*. São Carlos. Docomomo 2003 <docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/070R.pdf>.

¹² SAIA, Luís. “Notas sobre a arquitetura rural paulista do segundo século”. Rio de Janeiro, *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.8, 1944, p. 211.

¹³ Idem, *Ibidem*, p. 211.

¹⁴ Idem, *Ibidem*, p. 211-212.

Sphan n. 8, e que, segundo uma síntese de nosso entendimento, buscaria reconstituir as condições geográficas e socioeconômicas do segundo século que propiciaram o surgimento e a consolidação de um grupo específico de edifícios rurais situados no planalto piratiningano, tratando, em paralelo, de elaborar análises e comparações acerca das soluções técnico-construtivas identificadas. Posteriormente, tal grupo, associado às ações das bandeiras sentido interior do território, passaria a ser mais amplamente vinculado à construção da imagem forte do Estado paulista, principalmente em período próximo aos eventos organizados para os festejos do 4º Centenário da cidade de São Paulo, já em meados da década de 1950, assim como já nos descreveria João Clarck Sodrê em seu artigo de 2003¹¹.

Sobre estes edifícios rurais, que na época totalizavam 12 casas, já a partir do início de seu artigo, Luís Saia os define como de “solução arquitetônica típica para fazendeiros mais abastados” e “encontrados no município de São Paulo, nos municípios vizinhos e nos de São Roque e Sorocaba”¹², distribuídos, segundo o próprio autor, conforme abaixo:

“*Município de São Paulo: sedes das antigas fazendas localizadas nos bairros de Santana, Tatuapé, Jabaquara e Caxingui, e nas proximidades do distrito de Santo Amaro.*”

Município de Itapeverica da Serra: casa-grande do sítio do Calu.

Município de Cutia: casas-grandes dos sítios do Padre Inácio e Mandu.

Município de São Roque: casas-grandes dos sítios Santo Antônio, Querubim e São Romão.

Município de Sorocaba: antiga casa da fazenda, nas imediações da cidade.”¹³

A este rol de bens, Luís Saia nos acrescenta as ruínas da antiga sede de açúcar, também do município de São Roque, “em lugar que se supõe ter existido a fazenda do famoso capitão Guilherme Pompeu de Almeida”¹⁴. Também neste trecho, o autor nos alerta de que nem todos os exemplares relacionados datariam do segundo século, mas ratifica que mencioná-los e descrevê-los nos auxilia a criar uma base de análise que serve “de maneira positiva no



Figura 2: Casa-grande e, abaixo, detalhe dos cachorros do beiral frontal do sítio do Padre Inácio, s/d. Fonte: *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.8, p. 221, 218.

¹⁵Idem, *Ibidem*, p. 213.

estudo das constantes de planejamento, técnica e funcionamento, que sobrevivem às modificações sociais, à mudança de condições da época.”¹⁵

A partir desta breve introdução, Luís Saia desenvolverá seu denso raciocínio através, por vezes, de ilustrações dos exemplares citados, a começar por fotos da casa do Padre Inácio, conforme acima ilustrado, como através de fotos do sítio Santo Antônio – tanto do exterior da casa-grande, como do exterior e interior da capela –, além de duas imagens de pormenores das trancas de duas das portas, perfazendo estes elementos uns dos poucos acessórios metálicos que corresponderiam ao período primitivo das edificações.

Dentre as sete fotos que ilustram o sítio Santo Antônio no artigo, em nossa leitura, uma nos chamou mais atenção: a imagem publicada na página 235, conforme ilustrado no início deste texto ao lado da capa da *Revista do Sphan*. Nela podemos observar o alpendre frontal da capela do sítio Santo Antônio já reconstituído, inclusive com a presença dos painéis muxarabis, laterais e superior, instalados ao lado da porta de acesso à nave principal. Tais elementos arquitetônicos presentes no edifício nos sugerem 1945 como sendo o ano mais provável desta publicação, ou seja, em concordância com as palavras de Luís Saia em seu livro *Morada Paulista* e segundo a bibliografia presente na tese elaborada

Figura 3: Casa-grande e, abaixo, capela do sítio Santo Antônio. Anterior ao restauro, s/d. Fonte: *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 8, p. 221, 218.



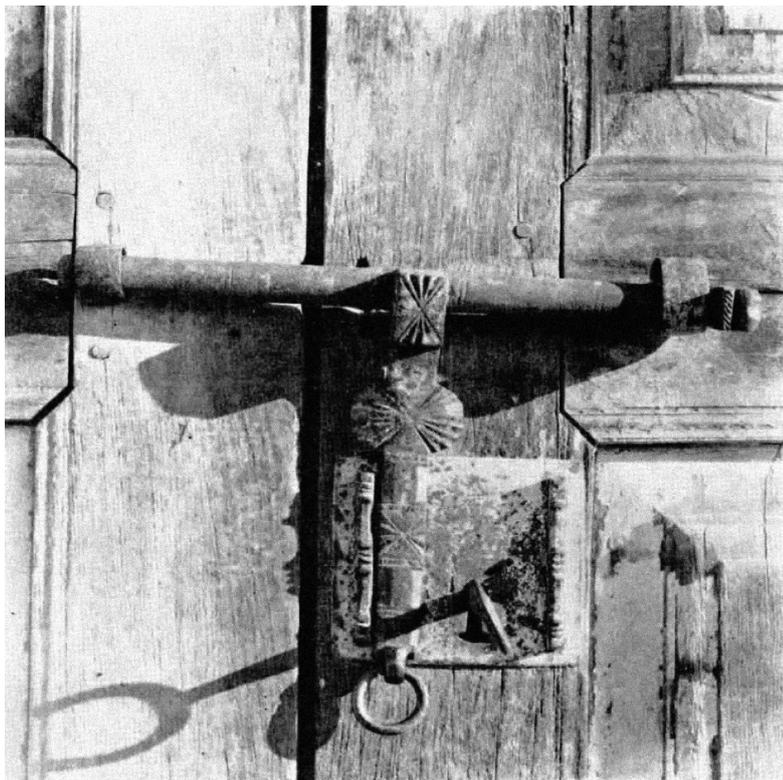


Figura 4: Ferragem da porta da capela e, ao lado, pormenor da ferragem da casa, s/d. Fonte: *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 8, p. 234, 236.

¹⁶ Ao acesso e manipulação deste material devemos nossos agradecimentos ao historiador Carlos Gutierrez Cerqueira, profissional do Iphan que com tanta atenção nos vem, há algum tempo, nos assessorando. Também agradecemos a atenção de Anna Beatriz Galvão, atual superintendente da 9ª SR do Iphan – SP, e de Rafael de Araujo Oliveira, responsável pelo Arquivo desta regional.

¹⁷ SOMBRA, Fausto. Luís Saia e Lúcio Costa. A parceria no Sítio Santo Antônio. *Arquitextos*, São Paulo, ano 14, n. 161.03, Vitruvius, out. 2013 <vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.161/4915>.

¹⁸ ANDRADE, Mário. Mário de Andrade. (op. cit.) p. 34-184.

pela pesquisadora Lia Mayumi. Esta proposição seria baseada em uma documentação específica atualmente conservada no arquivo fotográfico da 9ª Superintendência Regional do Iphan em São Paulo, intitulado oficialmente como *Documentação fotográfica das obras de restauro, consolidação e preservação da sede do sítio Santo Antônio*¹⁶. Este material, também chamado de *cadernos de obras*, ilustra de forma cronológica – através de uma série de pequenas imagens e alguns poucos comentários –, os avanços, análises e questionamentos colocados ao longo da primeira e segunda fase de intervenções no conjunto, entre meados dos anos 1940 a fins de 1960. No total há quatro cadernos, sendo os dois primeiros relacionados aos registros das intervenções na capela e os dois restantes acerca das intervenções empreendidas na casa-grande.

De acordo com o primeiro Caderno de Obras, definido como “41”, conforme podemos aferir nas imagens lá ordenadas, até 16 de dezembro de 1944 o alpendre e seus respectivos painéis muxarabis ainda não haviam sido instalados e ou concluídos, sendo que tal fato só ocorreria,

segundo as mesmas fontes, a partir de março de 1945. A imagem seguinte, foto n. 178, comprovaria tal afirmação. Nela observamos claramente a ausência de tais elementos, sendo que as demais fotos sequenciais a esta já seriam datadas do ano seguinte.

Esta nova sequência de imagens nos levam ao segundo Caderno de Obras, “42”. Nele, logo nas primeiras páginas encontramos a reprodução da famosa foto do escritor Mário de Andrade junto ao pilar direito recém-constituído da capela. Esta foto, n.193, divulgada outras tantas vezes em diversos trabalhos, bem como por nós no artigo “Luís Saia e Lúcio Costa: a parceria no sítio Santo Antônio”¹⁷, e datada de 18 de janeiro de 1945, seria posterior à aquisição do sítio Santo Antônio pelo próprio escritor modernista, pois segundo carta do autor de *Macunaíma* ao seu amigo, Dr. Rodrigo Mello Franco de Andrade, fundador e então diretor do órgão federal Sphan, os trâmites legais para aquisição do bem teriam sido efetuados nos dias 8 e 16 de dezembro do ano anterior¹⁸.

DOCUMENTAÇÃO
FOTOGRAFICA
das obras de
Restauração, consolidação e
preservação de sede do
SÍTIO de SANTO
ANTÔNIO
Mox. João Roque
SERVIÇO do PATRIMÔNIO
HISTÓRICO e ARTÍSTICO
NACIONAL
M. E. S
S. PAULO
6ª REGIÃO

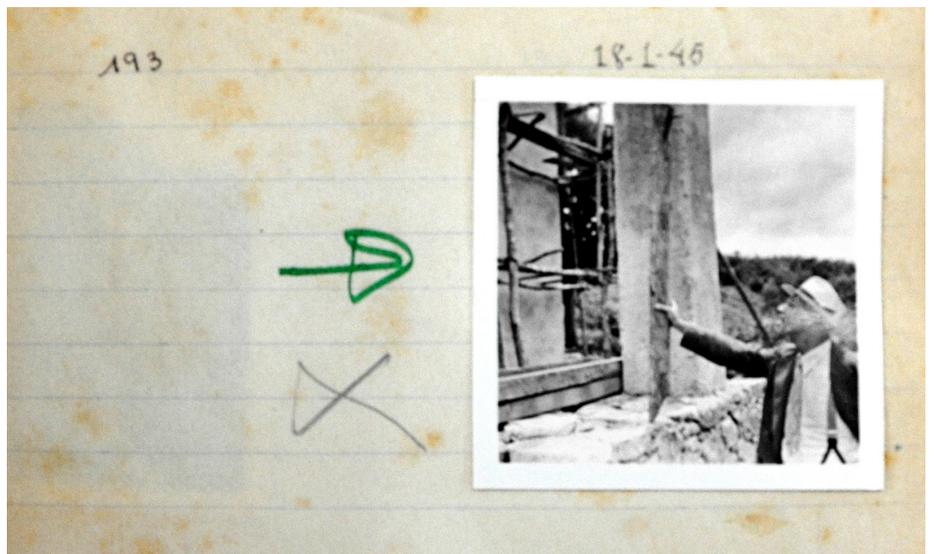
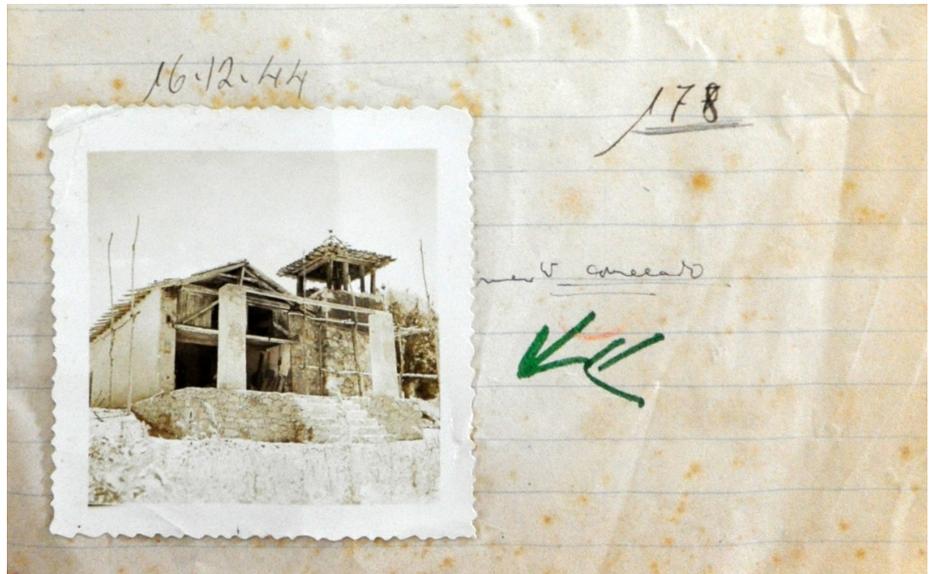


Figura 5 (topo): 1ª página do primeiro Caderno de Obras “41” e, ao lado, Foto n. 178 – capela sem a cobertura do alpendre e os painéis murarabis – 16/12/1944. Fonte: Caderno de Obras “41”, sítio Santo Antônio – Arquivo Fotográfico – 9ª SR Iphan-SP.

Figura 6: Foto n. 193 – Mário de Andrade em visita ao Sítio – 18/01/1945. Fonte: Caderno de Obras “42”, sítio Santo Antônio – Arquivo Fotográfico – 9ª SR Iphan-SP.

Dando sequência a nossa análise, outras tantas fotos datadas de 18/01/1945, conforme averiguamos no segundo Caderno de Obras, nos revelariam que tanto a cobertura do alpendre como parte dos painéis muxarabis não teriam sido concluídos até o momento. Este fato, como já mencionado, seria perceptível apenas em fotos datadas de 15 de março de 1945, e mesmo assim, com trechos e arremates visivelmente inacabados, conforme ilustrado na foto n. 251 abaixo. Muito provavelmente, a ausência de telhas nos beirais desta imagem, nos indica que a foto publicada na página 235 do artigo “Notas sobre a arquitetura rural paulista do segundo século” teria sido tirada ainda em ocasião posterior.

19 SAIA, Luís. 1946 – 28/jun. Ofício O.85/46 endereçado ao Rodrigo Mello Franco de Andrade. Pasta 06 / Personalidades / Saia, Luís / P375 / CX-114, Arquivo Noronha Santos – RJ.

Figura 7: Foto n. 251 – vista externa do alpendre da capela com ausência das telhas dos beirais – 18/01/1945. Fonte: Caderno de Obras “42”, sítio Santo Antônio – Arquivo Fotográfico – 9ª SR lphan-SP.

As demais fotos sequenciais indicadas com o mesmo dia 15 de março de 1945 se estenderão até a foto n. 258. Desta última, curiosamente haverá um salto para a foto n. 271, onde nos

depararemos com um novo grupo de imagens, agora datadas de 25 de agosto de 1946, e que se estenderão até a foto n. 278. O intervalo de tempo aqui identificado nas fotos, de mais de um ano, refletirá as interrupções da obra em meados de 1945 até meados de 1946 aproximadamente, e que segundo o próprio Luís Saia, agora já como Chefe do 4º Distrito do Dphan – Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional –, seria em função “das estradas se tornarem intransitáveis”¹⁹.

Estas novas imagens, que ilustram exclusivamente o alpendre da capela, fotos n. 272, n. 274 e n. 278, se apresentam em estado e até mesmo em ângulos de visão muito similares ao observado na imagem da página 235 ilustrada inicialmente, abrindo a possibilidade para que a publicação da *Revista do Sphan* n.8, bem como o artigo de Luís Saia, compreendesse ao intervalo definido entre março de 1945 e agosto de 1946.





Figura 8: Fotos n. 272, 274 e 278 – vista externa do alpendre da capela, processo de restauro praticamente concluído – 25/08/1946. Fonte: Caderno de Obras “42”, sítio Santo Antônio – Arquivo Fotográfico – 9ª SR Iphan-SP.

Logo após a foto n. 278, ocorre um novo salto temporal através da foto n. 444-A. Esta imagem marca um novo grupo de fotos registradas no segundo Caderno de Obras e datadas a partir de 28 de outubro de 1947. As primeiras imagens que se seguem com esta periodização ilustram fotos da torre sineira da capela ainda em processo de intervenções e ou passando por processo de manutenção.

²⁰ AMARAL, Aracy Abreu. A Hispanidade em São Paulo: da casa rural a capela de Santo Antônio. São Paulo, Nobel/Edusp, 1981, p. 86-87.

²¹ CERQUEIRA, Carlos G. F.; SAIA NETO, José. Sítio e Capela de Santo Antônio: roteiro de visitas. São Paulo, 9ª Coordenadoria Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1997.

Figura 9: Foto n. 444-A – vista da torre sineira da capela sem as telhas e com o madeiramento de sua cobertura exposta – 28/10/1947. Fonte: Caderno de Obras “42”, sítio Santo Antônio – Arquivo Fotográfico – 9ª SR Iphan-SP.

A continuação da sequência de fotos deste segundo Caderno de Obras se prolongará até a foto n. 561, de 15 de março de 1949, sendo que a partir daí nos depararemos com uma nova página intitulada *Reinício das obras em 1-9-59*. Nesta mesma página encontramos três fotos relacionadas à capela e identificadas a partir do n. 577. Deste ponto em diante, as imagens que se seguirão ao longo deste caderno até o seu término, ainda que não nos auxiliem mais sobre uma data precisa a qual a foto da página 235 do artigo de Luís Saia pudesse corresponder, nos apontarão a outro fato que nos parece oportuno relatar, pois abordará o segundo fato de imprecisão por nós inicialmente relatado. Desde a foto n. 278, que é diretamente anterior à foto n. 444-A, identificamos que há inserido

apoios intermediários de madeira entre os pilares principais de pedra e massa do alpendre da capela. Esta interpretação se torna mais sólida na medida em que avançamos nas páginas seguintes, conforme podemos observar através das fotos n. 485 e n. 486, ambas de 25 de dezembro de 1947. Isso nos leva a cogitar que os respectivos apoios – também definidos como esteios –, agora posicionados de forma equidistantes no vão central da capela, teriam sido considerados como partes integrantes do alpendre conformador do conjunto original, fato já abordado pela historiadora Aracy Amaral em suas pesquisas publicadas em 1981, através de seu reconhecido livro *A Hispanidade em São Paulo: da casa rural a capela de Santo Antônio*²⁰, e no qual encontramos outros tantos questionamentos e proposições da autora frente aos trabalhos realizados pelo Chefe do 4º Distrito.

Tratava-se de novos pilares elaborados com base nos “restos de colunas” de madeira encontrados nas proximidades do conjunto, e cuja função – conforme nos descreveriam posteriormente o historiador Carlos Gutierrez Cerqueira e José Saia Neto, em 1997 –, “nunca pode ser adequadamente verificada”²¹.



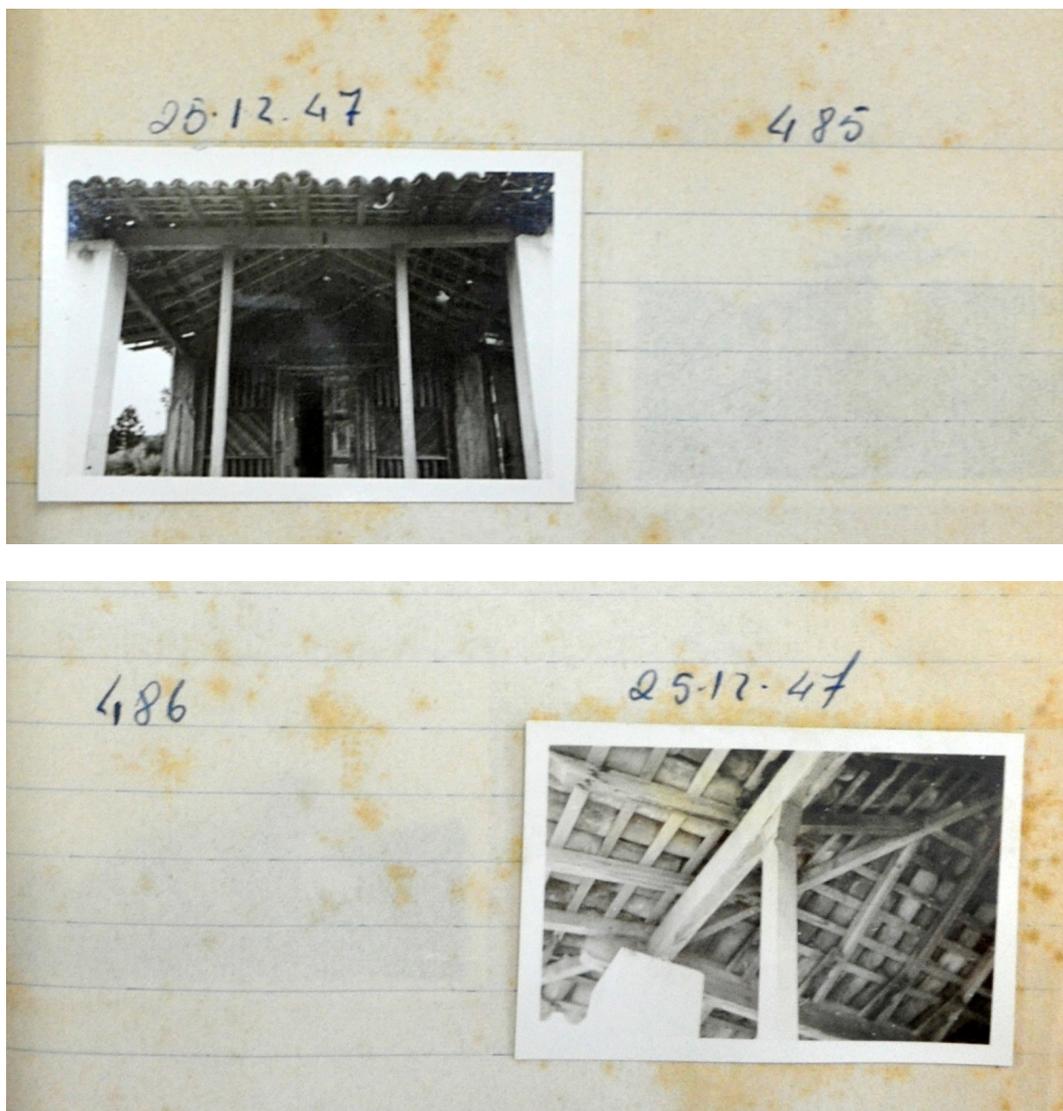


Figura 10: Foto n. 485 – vista externa do alpendre da capela com dois pilares intermediários, 25/12/1947, e Foto n. 486 – pormenor do topo do pilar intermediário em madeira sustentando a viga frontal do telhado, 25/12/1947. Fonte: Caderno de Obras “42”, sítio Santo Antônio – Arquivo Fotográfico – 9ª SR Iphan-SP.



Figura 11: Foto capela medieval encontrada no Caderno de Obras e apontada como “Norte da Itália” e de período entre 1450-1500 – s/d. Fonte: Caderno de Obras “41”, sítio Santo Antônio – Arquivo Fotográfico – 9ª SR Iphan-SP.

²² ANDRADE, Antônio Luiz Dias de. Um estado completo que pode jamais ter existido. Tese de doutorado. Orientador Carlos Lemos. São Paulo, FAUUSP, 1993.

²³ “Restauração, s. f. A palavra e o assunto são modernos. Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo ...continua próxima página...

Entretanto, segundo a comprovação da abundante quantidade de correspondência trocada entre Luís Saia, Rodrigo Mello Franco de Andrade e Lúcio Costa sobre o referido monumento, e em particular acerca deste pormenor, tais elementos foram utilizados como sustentação intermediária do frechal – este recomposto a partir de dois trechos –, de estruturação dos caibros e cachorros frontais do telhado da capela durante vários anos, consequência das análises e interpretações do Chefe do 4º Distrito refletida na imagem da capela medieval do Norte da Itália, assim como nos atestaria a foto registrada no início do primeiro Caderno de Obras, demonstração, a nosso ver, da representatividade e importância atribuída para o monumento europeu na reconstituição do edifício religioso paulista.

Esta interpretação, equivocada ou não, acerca do que originalmente teria sido o edifício da capela, – e que nos faz lembrar a tese defendida por Antônio Luiz Dias de Andrade: *Um estado completo que pode ter jamais existido*²², de 1993, bem como as palavras do francês Viollet-le-Duc encontradas no início de seu verbete “Restauração”²³, de 1854-1883 –, somente seria reparada na segunda fase de intervenções do conjunto, conforme identificamos na foto n. 607, de agosto de 1965. Nela, visivelmente ainda observamos os apoios intermediários no vão central do alpendre, permanecendo assim, ao que tudo indica, até junho de 1967, foto n. 615. Nesta ocasião podemos constatar a remoção do madeiramento da armadura do telhado para correção do que eventualmente houvera sido a imagem e a estrutura original deste alpendre.



Figura 12: Foto n. 607 – vista externa do alpendre da capela com dois apoios intermediários – 08/1965. Foto n. 615 – vista externa do alpendre da capela sem as telhas para remoção dos apoios intermediários – 06/1967. Fonte: Caderno de Obras “42”, sítio Santo Antônio – Arquivo Fotográfico – 9ª SR Iphan-SP.

...continuação nota 23...

em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento.” VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. Restauração. Trad. Beatriz M. Kühn. Cotia, Ateliê Editorial, 2000, p. 29.

24 COSTA, Lúcio. 1966 – 22/ fev. Trecho da Informação n.46 em resposta a correspondência de Luís Saia. Processo: São Roque – MTSP – Casa do Sítio Santo Antônio e a capela que lhe é anexa. Pasta: Pt00586 / 0214-T-39 / 162 Folhas / P2, Iphan 9ª SR/SP.

Debruçados ainda sobre os documentos do referido bem, em nossa busca por um período mais preciso acerca da publicação do artigo de Luís Saia e após esgotarmos os registros fotográficos nos *cadernos de obras*, nos voltamos à análise das já citadas correspondências e ofícios trocados entre Luís Saia, Rodrigo Mello Franco de Andrade, e o então Diretor da Divisão de Estudos e Tombamento – D.E.T., Lúcio Costa, material este conservado nas pastas suspensas na 9ª Superintendência Regional do Iphan. Dentre os diversos documentos de interesse, destacamos três ofícios que nos parecem ser capazes de sintetizar e esclarecer dois pontos relevantes colocados por nós ao longo deste breve texto.

Primeiramente relacionado a dois documentos que retratam e comprovam o último caso relatado acerca da remoção dos esteios intermediários do alpendre da capela, conforme trecho abaixo transcrito de uma correspondência de Lúcio Costa, presente na “Informação n. 46”, de 15 de fevereiro de 1966, autorizando o chefe do então 4º Distrito na remoção dos referidos apoios, bem como a

substituição da viga frontal do telhado, frechal, do alpendre da capela:

“À época da consulta do Saia – 23 de julho de 65 – eu estava na Inglaterra. Não vejo inconveniente na retirada dos esteios do alpendre. Importa porém fazer a secção do frechal (altura, uma vez que a largura é conhecida pelo recorte dos cachorros) em função do vão; com certa margem, para evitar que com o tempo venha a selar.

[...] Em 15 de fevereiro de 1966. Lúcio Costa. Diretor da DCR”²⁴

A informação n. 46, conforme já nos explicitaria o Diretor da D.E.T – e não D.C.R como definido acima pelo próprio Lúcio Costa, o que parece ser um equívoco – , corresponde a uma resposta do arquiteto a um longo ofício de três páginas de Luís Saia, Of. 88/65, datado de 23 de julho de 1965, com questionamentos diversos em relação às obras em andamento no sítio Santo Antônio, conforme pequeno trecho extraído a seguir:

"Do chefe do 4º Distrito Ao senhor Diretor D.P.H.A.N.

Assunto: Obras em execução no sítio Santo Antonio.

Senhor Diretor,

Cabe-me relatar sobre as respostas em execução no monumento sítio Santo Antonio, no município de São Roque, neste Estado.

[...]

Alpendre da capela. Acabamento. Dois problemas, surgidos na época da consolidação deste monumento, devem ser agora resolvidos. 1) colunas de madeira que dividem o vão da fronteira. Foram encontrados restos destas colunas (uma parte fuste e o capitel). O frechal utilizado nas obras realizadas no decênio de 40 é emendado. Com as obras de recomposição da pintura da fachada está me parecendo que a solução existente (com as duas colunas de madeira dividindo o espaço em três vãos) é discutível e inclusive se deve pensar numa experiência como a remoção das referidas colunas de madeira. Consequentemente o frechal deve ser substituído por uma peça inteiriça, o que não será problema. 2) Os cachorros do alpendre (um deles foi fotografado nas mãos de Mario de Andrade) tem um rebaixo na extremidade interna. Na época da execução das obras realizadas na década de 40 o remate incerto desta solução foi deixado em suspenso. Agora é necessário resolve-lo. As bitolas da peça que deve rematar o encoramento (e travamento) destes cachorros são dadas pelo cachorro encontrado. V. croquí anexo. Parece que a solução mais razoável é colocar esta peça que trava extensivamente os cachorros."

[...]

Atenciosamente

Luiz Saia

Chefe do 4º Distrito

*D.P.H.A.N.*²⁵

Já o terceiro documento se refere diretamente ao processo relativo ao nosso primitivo tema: o artigo "Notas da arquitetura paulista rural do segundo século". Uma carta de Luís Saia ao Dr. Rodrigo Mello Franco de Andrade, datada de 30 de dezembro de 1944, nos fornece uma rica síntese acerca do processo de elaboração do artigo em pauta, nos posicionando precisamente sobre a proximidade de conclusão do texto até a referida data:

"S. Paulo, 30 de dezembro de 1944

Meu caro Dr. Rodrigo,

Como prometi, devia mandar-lhe o meu trabalho sobre arquitetura rural do segundo século antes de findar este ano. Na verdade o trabalho estava sendo terminado e já estava sendo passado a limpo, mas acontece que foi descoberto nos arredores de S. Paulo, no bairro do Tatuapé, um outro exemplar cuja importância é grande não só do ponto de vista de uma construção seicentista mas também como confirmação e esclarecimento de certas observações feitas durante o texto do artigo pra revista. Por outro lado, através dos estudos feitos, cheguei a conclusão que uma casa existente na cidade de Parnaíba sobre a qual já se falou em tombar) seria sem dúvida do segundo século também (portanto a única construção residencial urbana seicentista serra acima) merecendo portanto um cuidado mais minucioso. Pelo menos estas duas construções achei que devia inclui-las no referido estudo, mesmo atrasando-o de alguns dias. Disse pelo menos essas duas porque tenho quase certeza que existirão outras a serem descobertas em volta da cidade e em certos pontos da região onde se encontram as restantes; porem penso que estas outras possíveis devem esperar estudos posteriores, sinão o trabalho terá que se atrazar indefinidamente.

Nestas circunstancias pensei que um atrazo de alguns dias seria justificado e creio que ate o dia 6 o trabalho estará acabado. O Mario também terminou hoje o trabalho sobre o Jesuíno – me telefonou ha pouco pedindo que comunicasse isso a V.

Quando V. Virá? Deve marcar com alguns dias de antecedência para se poder providenciar hotel, que aqui também é muito difícil encontrar de uma hora pra outra.

*Com uma abraço do Saia.*²⁶

Desta forma, nos parece possível afirmarmos, com uma margem pequena de erro, que realmente a conclusão do artigo "Notas da arquitetura paulista rural do segundo século" se trata do início do ano de 1945 e não de 1944 como amplamente divulgado. Por outro lado, a incógnita inerente à presença da foto da página 235, ilustrando o alpendre da capela do sítio já aparentemente concluído, nos sugere que a revista em que o artigo foi publicado, *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*

²⁵ SAIA, LUÍS. 1965 – 23/jul. Trecho do Ofício Of. 88/65 ao Dr. Rodrigo M. F. de Andrade. Processo: São Roque – MTSP – Casa do Sítio Santo Antônio e a capela que lhe é anexa. Pasta: Pt00586 / 0214-T-39 / 162 Folhas / P2, lphan 9º SR/SP.

²⁶ SAIA, LUÍS. 1944 – 30/ dez. Correspondência endereçada ao Dr. Rodrigo M. F. de Andrade. Processo: São Roque – MTSP – Casa do Sítio Santo Antônio e a capela que lhe é anexa. Pasta: Pt00586 / 0214-T-39 / 162 Folhas / P2, lphan 9º SR/SP.

n. 8, teria sua publicação vinculada provavelmente ao período entre março de 1945 e agosto de 1946.

A estas constatações, ainda devemos incluir e esclarecer que uma singela informação encontrada na penúltima página da referida publicação, página 362, nos diz: “1947 – Imprensa Nacional – Rio de Janeiro – Brasil”, fato que corrobora e vai além ainda da conclusão supracitada, pois as análises dos demais números subsequentes da revista nos apontarão à situação similar. É o caso da revista de n. 9, na qual encontramos o dizer: “Acabou de se imprimir nas oficinas do departamento de Imprensa Nacional para a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em julho de 1952”; como os dois exemplares seguintes, n.10 e n. 11, apresentando dizeres similares e com datas de 1953 e 1954, respectivamente, sendo tal discordância não mais encontrada no exemplar de número 12, este datado de 1955. Somando-se a estes dados que as quatro edições seguintes à publicação da revista de n. 8, ou seja, de n. 9, n. 10, n. 11 e n. 12 são respectivamente definidas como dos anos 1945, 1946, 1947 e 1955, nos parece coerente pensarmos que se tratando, eventualmente, de reimpressões das revistas²⁷, estas possam ter sofrido inclusões posteriores de imagens e ou informações.

Por outro lado, ainda que isso tenha ocorrido – o que nos parece mais difícil, já que os citados

exemplares encontram-se disponíveis no site oficial do próprio Iphan –, a correspondência de Luís Saia ao Dr. Rodrigo Mello Franco de Andrade, datada de 30 de dezembro de 1944, bem como a cronologia ilustrada ao longo das ricas imagens preservadas nos cadernos de *Documentação fotográfica das obras de restauro, consolidação e preservação da sede do sítio Santo Antônio*, denunciam, a nosso ver, as imprecisões por nós mencionadas em nossa breve Introdução, e que em alguns casos nos levam a sutis equívocos de interpretações da real ordem dos fatos. Estas mesmas imprecisões também permearam, como vimos acerca dos esteios do alpendre da capela, outras tantas decisões complexas que foram tomadas ao longo das ações empreendidas no restauro do conjunto arquitetônico do segundo século, o sítio Santo Antônio, trabalho este a cargo da regional paulista e com a anuência da sua sede no Rio de Janeiro, em um processo que se estenderá por longos anos desde 1944. Este processo gerará uma centena de correspondências que em seus pormenores, com o tempo, poderão nos auxiliar a esclarecer devidamente outros interessantes pontos acerca deste bem e os personagens nele envolvidos, desde seus fundadores, até os ilustres arquitetos e intelectuais modernistas, que com imensos esforços e em momento de poucos e escassos recursos, não permitiram o desaparecimento deste testemunho da conformação de nossa sociedade.

²⁷Em diálogo com o professor e editor Abílio Guerra, ele nos recordaria da crônica falta de recursos nos departamentos de cultura, situação que enfraqueceria a hipótese da reimpressão dos exemplares nos períodos relacionados. Frisa também que sua experiência no meio editorial aponta como relativamente comum o atraso de publicações de números de revistas e periódicos. Depoimento dado ao autor em 10 set. 2014.